

Capítulo 4:

**A influência dos métodos de ensino
no processo de aprendizagem para
discentes e docentes de enfermagem**

Tendo como objetivo compreender de que maneira os discentes e docentes de um curso de enfermagem percebem a influência dos métodos de ensino no processo de aprendizagem, foi conduzida uma pesquisa de campo em uma IES, através da aplicação de questionários e da realização de entrevistas.

Em relação aos docentes, foi possível delimitar o perfil e levantar questões voltadas aos métodos de ensino utilizados, à diferenciação de métodos tradicionais e ativos, à influência no ensino e aprendizagem, às facilidades e dificuldades em utilizar os métodos pedagógicos propostos, às estratégias de ensino durante a pandemia e à aplicabilidade das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em enfermagem (DCN/ENF) em Instituições de Ensino Superior (IES). As entrevistas contribuíram para conhecer a realidade vivenciada pelos docentes, visto que as estratégias de ensino e aprendizagem foram tratadas a partir do cotidiano, enfatizando tanto a prática em sala de aula quanto as considerações dos professores sobre o processo pedagógico.

Quanto aos alunos, também delimitou-se o perfil, assim como seus posicionamentos quanto aos métodos de ensino utilizados na IES; sua percepção sobre as metodologias; se tinham conhecimento sobre métodos ativos e se há diferença entre esses e o ensino tradicional; qual a percepção do papel do professor e do aluno durante o processo de ensino e aprendizagem; suas dificuldades e facilidades durante a aprendizagem; estratégias durante o ensino remoto e suas percepções quanto à aplicação das diretrizes curriculares.

Buscou-se a abordagem do processo de aprendizagem voltado ao ensino ativo, ao se comparar a percepção dos participantes – docentes e discentes – a respeito dos métodos de ensino utilizados. Além disso, foi possível levantar o conhecimento dos alunos sobre os métodos ativos e suas opiniões sobre o tema, assim como identificar se a metodologia que os educadores vinham utilizando contribuía para a sua aprendizagem efetiva e se aproximava a teoria da realidade de um(a) enfermeiro(a), conforme o previsto pelas DCN/ENF.

Neste capítulo, explicita-se a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, correlacionando-os às discussões teóricas tratadas anteriormente, com a finalidade de compilar a teoria e a prática e de compreender a realidade do ensino nos cursos de enfermagem.

Percepção sobre os métodos de ensino e aprendizagem utilizados no curso de enfermagem

Esta seção aborda os diferentes métodos utilizados no curso de enfermagem na instituição de ensino estudada, além da influência das estratégias pedagógicas no processo de aprendizagem do aluno, sob a ótica dos docentes e discentes.

Antes de serem diretamente indagados sobre as suas opiniões, professores e alunos foram questionados quanto às metodologias utilizadas na instituição. De acordo com os docentes, são utilizadas todas as metodologias previamente indicadas: Aprendizagem Baseada em Problemas, aula expositiva com slides, Metodologia da Problematização, Sala de Aula Invertida, ensino híbrido e rodas de conversa para troca de experiências. No entanto, eles demonstraram preferência por alguns métodos específicos, como se pode observar na fala do Entrevistado 1 (E1),⁴ transcrita a seguir:

4 A fim de resguardar as identidades dos entrevistados, todos foram identificados pela letra “E” (quando se trata de educadores/docentes) ou pela letra “A” (quando se trata de alunos), seguida por número conforme sequência da entrevista.

Formação de profissionais de enfermagem:
uma reflexão sobre metodologias de ensino e aprendizagem

Então, eu gosto muito da Sala de Aula Invertida, rodas de conversas, gosto do debate, né? [...] gosto muito de problematização, eu acho que tem tudo a ver com a área da enfermagem, né? Da gente poder fazer os meninos perceberem, assim, a realidade com que eles vão ter que lidar, né? Acho que é mais ou menos isso (E1).

E2, por sua vez, pontuou:

Gosto do OSCE,⁵ exposição de slides com troca de experiências com os alunos, até bingo interativo já usei (E2).

A docente E3 também sinalizou sua preferência por determinados métodos pedagógicos durante suas aulas:

Hoje eu trabalho muito com simulações realísticas, principalmente as minhas disciplinas que são mais práticas. Outra coisa que eu utilizo muito, outra metodologia, é a construção de mapas mentais, então eu combino com os alunos que ao final de todas as aulas a gente constrói juntos, seja virtual ou presencial, a gente constrói junto um mapa mental do dia. Então, num formato tradicional, exposição de slides e, ao final, faço com eles, eu vou puxando para que eles vão me descrevendo esses mapas mentais, de tudo o que viu na aula, desde o primeiro slide. Gosto muito dessas estratégias. Outra coisa, gosto muito de metodologias visuais, onde o aluno consegue visualizar realmente o que é feito. Abuso muito de imagens reais pra gente poder analisar. É muito perfil das minhas matérias; em semiologia, sem ver, sem descobrir o achado, não tem jeito (E3).

Quanto aos alunos, apenas a Metodologia da Problematização, o ensino híbrido e aula expositiva com slides foram apontados como os métodos educativos utilizados nas aulas.

É importante mencionar que todos os alunos regulares cursando o último ano da graduação (oitavo e nono períodos) já tiveram as disciplinas ministradas pelos docentes entrevistados, como as disciplinas de práticas educativas, fundamentos de enfermagem, semiologia e urgência e

5 *Objective Structured Clinical Examination (OSCE)*, ou Exame Clínico Objetivo Estruturado, em tradução livre.

emergência. Assim, considera-se que os discentes saibam quais métodos educativos foram utilizados pelos professores em suas aulas.

Dessa forma, os discentes não sinalizaram os demais métodos de ensino, contradizendo o discurso dos docentes, que afirmaram que os métodos eram utilizados na instituição e faziam parte da sua escolha de estratégias de ensino. Além disso, os alunos sinalizaram ter ensino híbrido, mas não sabiam que a aula invertida, referenciada por E1, era uma modalidade do ensino híbrido. Essa resposta permite uma reflexão acerca das diferenças entre o ensino remoto emergencial e o híbrido, uma vez que os estudantes associaram conceitos diferentes a um único método de ensino, caracterizado como ensino *on-line*. Essa discussão será aprofundada mais adiante.

A matriz curricular da IES e a grade do curso se voltam à inserção de métodos ativos em benefício de um currículo organizado por competências e da diversificação de ambientes físicos e virtuais de aprendizagem, acessíveis à comunidade acadêmica. Esse fato permite questionar se os alunos não têm interesse em buscar essas informações ou se as estratégias de ensino disponibilizadas na instituição não estão sendo amplamente divulgadas. Por outro lado, a falta de habilidade em identificar as estratégias de ensino usadas nas aulas evidencia o não reconhecimento das práticas atribuídas ao ensino como métodos pedagógicos.

Em continuidade ao raciocínio sobre a escolha dos métodos utilizados em aula, foi feita a seguinte pergunta aos docentes: “Como você escolhe o método ou a metodologia utilizada para cada conteúdo? Ou você segue apenas um método? Como organiza sua metodologia de ensino?”

De acordo com E1:

Depende do perfil da turma, do nível de participação, depende muito do conteúdo. Então, por exemplo, se for um conteúdo muito arestoso, difícil do menino gostar e realmente absorver, quanto mais difícil mais eu compartilho com ele, pra não ficar aquela coisa maçante, sabe? (E1).

Formação de profissionais de enfermagem:
uma reflexão sobre metodologias de ensino e aprendizagem

Conforme E2:

Geralmente, tenho mais de um método. Três, geralmente, eu planejo, e um deixo, caso precisar, como carta da manga. Não tenho um método fixo que uso e pronto, vai de acordo com a aula, de acordo com a turma dos alunos, com a interação deles (E2).

E3 complementou:

Então, trabalho muito com casos realísticos, casos clínicos reais, onde eu tento trazer o aluno para frente, pra poder conduzir o caso, pensar, e expor o caso. Uso muito a técnica onde o aluno ensina. Eu penso [que] quando a gente ensina, a gente aprende mais, é a melhor forma de poder gravar. Então, muitas vezes durante a própria aula eu divido alguns grupos, cada um fica com [um] tema, onde eles têm um tempo pra preparar e depois expor pra turma, fazendo algumas demonstrações práticas e realísticas (E3).

As três respostas apontam para a diversidade de métodos educativos, corroborando Moran (2015a) quanto à importância das diversidades de técnicas. Para o autor, é relevante mesclar estratégias, recursos e aplicativos, deixando os processos menos previsíveis para os estudantes. Quaisquer abordagens, projetos, jogos e narrativas têm sua importância e não podem ser superdimensionadas como a única (Moran, 2015a).

Visando identificar como as estratégias dos educadores vêm sendo vistas pelos discentes, foi solicitado que os estudantes descrevessem os métodos utilizados em sala de aula. Dentre os pesquisados, três alunos avaliaram positivamente as metodologias dos professores, como pode ser percebido nas respostas a seguir:

Boas (A5).

Adequados (A3).

Eu vejo que os professores sempre estão atualizados e buscam as melhores metodologias ativas para pôr em prática nas aulas (A4).

Outro aluno afirmou gostar do ensino dos professores, mas relata o déficit do ensino em ambiente virtual:

Eu gosto muito do ensino, porém a forma on-line é muito ruim. Na minha opinião, absorvemos muito menos que os professores nos ensinam (A2).

O ensino presencial, que se tornou *on-line*, mostrou-se também um dificultador do ensino de enfermagem durante a pandemia, como afirmou outro aluno em seu relato sobre o ensino:

Acho que desde a pandemia teve uma queda abrupta (A1).

A diversidade de cenários de aprendizagem no curso de enfermagem fundamenta-se nas diretrizes curriculares e na matriz curricular do curso. Porém, essa mesma legislação (DCN/ENF) adverte sobre a adoção de recursos tecnológicos da educação a distância, como aponta o artigo 32:

§3º Os recursos tecnológicos da educação à distância ficam restritos a conteúdos teóricos e ou disciplinas com carga horária teórica (disciplinas com temas transversais ou eletivas), fica vedado incluir nas “disciplinas de caráter assistencial e de práticas que tratem do cuidado/atenção em saúde individual e coletiva” em respeito aos dispositivos normativo-legais em vigor (Brasil, 2018).

No entanto, frente ao cenário epidemiológico, as IES e os docentes não tiveram alternativas e aderiram ao ensino remoto com aulas totalmente *on-line*, o que gerou certa confusão no entendimento dos alunos sobre as modalidades de educação a distância e ensino remoto emergencial e acarretou dificuldades na adaptação por parte dos alunos e professores. Destaca-se, nesse contexto, que se trata de um período excepcional, mas passível de deixar legados para os métodos de ensino utilizados na IES e, após a fase de adaptação, os alunos poderão considerar essa estratégia de ensino de maneira diferente.

Além disso, destaca-se ainda a falta de conhecimento dos alunos sobre algumas metodologias de ensino utilizadas pelos educadores. Esse fato

abre margem para discussão e reflexão, pois, mesmo que haja incentivo da IES para a utilização dos métodos ativos e que eles sejam incorporados nas aulas, por que os alunos não apontam essas estratégias de ensino? Será que eles têm conhecimento suficiente para reconhecer tais metodologias?

De acordo com grande parcela da população que concluiu o ensino médio, sua formação pode ter sido pautada em métodos tradicionais e, quando tiveram de lidar com a graduação e com novos formatos educacionais, possivelmente não se adaptaram ou demoraram a reconhecer esses métodos como estratégias de ensino. Essa seria uma das alternativas de resposta a essa questão.

Outra alternativa de resposta a ser considerada é a falta de discussões sobre a temática. Ao colocar o aluno no centro da aprendizagem, é preciso discutir com ele e receber o *feedback* de quais métodos atendem melhor ao ensino dos enfermeiros. Assim, ouvir o aluno, suas frustrações e opiniões sobre os métodos pelos quais aprendem de modo mais eficiente poderia contribuir para melhor adequar os métodos educacionais.

O uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no ensino sob a ótica dos pesquisadores

Quanto às metodologias apontadas, 33% dos estudantes disseram ter o ensino híbrido como método de ensino nas aulas realizadas no curso de enfermagem. Essa metodologia ganhou destaque no período de isolamento social, determinado pelo início da pandemia da covid-19, em março de 2020, que fez com que o ensino presencial na instituição tivesse que se tornar ensino remoto. Desde 2021, com a flexibilização das medidas de segurança epidemiológica, as atividades passaram a ser híbridas. A partir de 2021 na IES analisada, há aulas presenciais e *on-line* através da plataforma Zoom.⁶

6 Zoom é uma plataforma de conferências remotas usada no contexto da educação a distância.

Como mencionado anteriormente, apesar de os alunos não apontarem diretamente a Sala de Aula Invertida como metodologia de ensino utilizada nas aulas, essa modalidade está inserida no ensino híbrido e foi referenciada pelos docentes, o que remete à falta de conhecimento acerca dessas modalidades, além da dificuldade em distinguir o ensino remoto emergencial da educação a distância e do ensino híbrido.

Frente aos resultados apresentados, faz-se necessário diferenciar as modalidades de ensino citadas e entender melhor a percepção dos pesquisados sobre o ensino remoto durante a pandemia, em alinhamento com a literatura pertinente sobre a temática.

De acordo com Lopes, Branco e Araújo (2020), o ensino remoto mediado pelas plataformas digitais, utilizado de maneira excepcional e emergencial na pandemia, levou a múltiplas interpretações e associações com a educação a distância (EAD). Nesses discursos, essas modalidades seriam muitas vezes entendidas como sinônimos. Para as autoras, trata-se de uma visão simplista e equivocada, que causa distorção das práticas pedagógicas *on-line*, podendo ser um agravante das desigualdades estruturais educacionais no Brasil.

Desse modo, é imprescindível a diferenciação de conceitos sobre as modalidades de ensino que utilizam as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) nos tempos de distanciamento social. Inicialmente, é preciso conhecer o que é de fato a EAD.

A EAD é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) através do Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que, em seu artigo 1º, registra o seguinte:

[...] considera-se a educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes

Formação de profissionais de enfermagem:
uma reflexão sobre metodologias de ensino e aprendizagem

e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (Brasil, 2017).

A partir desse conceito, percebe-se que constituir a EAD como modalidade de ensino demanda o preparo tanto de professores como de alunos, o que não acontece com afinco no ensino remoto emergencial. Além disso, há uma gama de exigências atribuídas à modalidade que vêm determinando a alta qualidade do ensino, como amplas pesquisas sobre a área, critérios de avaliação e design de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) com a utilização das TDICs (Lopes; Branco; Araújo, 2020).

É importante ressaltar que o ensino remoto emergencial também utiliza as TDICs para a conexão de alunos e educadores, mas o foco está na transmissão, constituindo uma tentativa de aproximação do modelo de aula presencial. Pelo exposto, entende-se que a maioria dos educadores não recebeu formação nem tem experiência com a educação a distância. Contudo, diante das exigências de manutenção de vínculo trabalhista, que, por sua vez, impuseram a manutenção do ensino, o ensino remoto foi implementado com urgência (Lopes; Branco; Araújo, 2020).

A partir disso, nota-se que os alunos tiveram apenas o ensino remoto emergencial no início da pandemia, não a EAD, apesar de definirem ambos com o mesmo significado ao mencionar o ensino *on-line*. Outro equívoco foi a utilização corriqueira do termo “híbrido”, que muitas vezes é utilizado também como sinônimo de “ensino *on-line*”, o que não deixa de ser verdade, mas não contempla sua totalidade. Como apontam Bacich e Moran (2018), “híbrido” significa misturado, e diz respeito àquilo que combina vários espaços, tempos, atividades, métodos e públicos. Assim como a modalidade EAD utiliza as TDICs e precisa de professores e alunos bem-preparados, além de uma estrutura qualificada para sua efetivação, com o ensino híbrido não é diferente. Ante a urgência e manutenção das aulas, não foi possível implementar imediatamente o ensino híbrido em sua plenitude.

Ressalta-se que a IES estudada já fazia uso desse método em algumas disciplinas, e alguns educadores utilizavam a Sala de Aula Invertida em seu plano de didático. No entanto, o método passou a ser utilizado com

afinco recentemente, sendo, hoje, uma das metodologias mais adotadas nas aulas, associada a diversas técnicas utilizadas pelos docentes, corroborando a premissa de mescla de ambientes e metodologias que define essa modalidade de ensino. Como houve essa transição de ensino remoto emergencial e a implementação efetiva do ensino híbrido, ambas as modalidades se correlacionam nos relatos dos participantes.

Nesse sentido, considerando os desafios enfrentados durante esse processo de transição de ambientes e modalidades de ensino, foi questionado aos docentes: “Quais as estratégias de ensino e aprendizagem usadas durante o ensino remoto?”.

Respondendo a essa questão, o E1 afirmou:

Ah, então, aqui no Zoom a gente tem essa chance de dividir os meninos em sala de aula, né? Então essa roda de conversa, essa discussão em pequenos grupos, e os mapas mentais, os conceituais, isso tudo a gente pode fazer, sabe? E eles gostam muito, viu? (E1).

E2 complementou:

Não são muitas, viu? A gente tem grupos de discussão, nuvens de palavras, isso ajuda a eles interagirem. Uso muito o Socrative⁷ também, jogos, gamificação, gosto muito (E2).

E, completando a discussão, tem-se a resposta de E3:

Então, uma estratégia que eu tive, eu comecei a gravar vídeos fazendo as técnicas, fazendo os procedimentos no meu pai, no

7 O Socrative é um aplicativo que promove a interação entre professor e aluno por meio de *tablet*, computador ou *smartphone*. A ferramenta possibilita essa interação em sala de aula ou em atividades extraclasse, em tempo real. O educador insere as atividades relacionadas ao conteúdo das aulas e o aplicativo elabora questionários. Desse modo, em um curto espaço de tempo é disponibilizado o resultado das questões. Assim, o aplicativo permite que o professor tenha o *feedback* mais rápido sobre a aprendizagem dos educandos e consegue definir estratégias para melhorar o desempenho dos estudantes.

meu irmão, no meu marido e comecei a mostrar esses vídeos para os alunos. Eu quase montei um laboratório aqui em casa e gravei vários vídeos e, além dos vídeos, durante as aulas, eu fazia alguns procedimentos no meu marido. Chegou a esse ponto, pra poder explicar, mostrar pro aluno. Os trabalhos todos mudaram, os trabalhos eram vídeos onde a entrega final era fazer a técnica em alguém, alguém da sua família, e todos tinham que filmar, não podia fazer ninguém encontrar, com essa pandemia, estava todo mundo isolado.

Então, isso foi uma das estratégias que arrumei, fora eram aulas práticas, eram imagens do início ao fim, pra gente analisar, pra gente pensar. Então, pra prática, isso foi uma das estratégias. No início foi muito sofrido, foi muito trabalho, mas, em contrapartida, foi muito gratificante porque os alunos conseguiram ficar felizes, no início estavam revoltados com a gente (E3).

As estratégias de educação durante o ensino remoto foram desafiadoras, percebidas por meio de expressões verbais e não verbais, isto é, nas falas, nos olhares e expressões faciais dos educadores no decorrer das entrevistas. Foi possível identificar que a maior preocupação dos professores é diminuir a distância entre professor-aluno-conteúdo, como enfatizou E3:

Olha, se perguntasse qual foi o maior desafio da sua vida profissional inteira, eu vou falar que com certeza foi ter que [de] um dia pro outro, literalmente, eu ter [que] construir aulas práticas em virtuais. Porque a aula teórica não teve problema, já tinham slides prontos, slides montados, é aí dar a aula como se estivesse lá. Agora, e a aula prática? Como que eu ia ensinar um aluno a aferir uma PA [Pressão Arterial] pelo computador. Então, no início foi desesperador, eu falei “não tem jeito, o quê que eu vou fazer?” Mesmo porque eu não tinha slide de aula prática (E3).

Nesse caminho de desafios, os docentes lançam mão de diversas metodologias que tentam dinamizar as aulas e incentivar a participação dos alunos, dentre elas, como relatam, há jogos, simulações realísticas, produção de vídeos e realização de debates.

Com o intuito de identificar a efetividade dessas estratégias perante os educandos, questionou-se se aquelas usadas durante o ensino remoto

contribuíram para aproximar os conteúdos da realidade da profissão de enfermagem. Foram obtidas as seguintes respostas:

Então, uma questão bem difícil. Na minha opinião está melhorando, pois peguei o início conturbado e tava péssimo. Mas o método de ensino dos meus professores atuais condizem com o que vamos encontrar na realidade, trazendo casos clínicos, artigos e pesquisas (A1).

De certa forma, sim. Os professores tentaram nos estimular todo o tempo com vídeos sobre o tema da aula, momentos de bate-papo para saberem como estávamos nos sentindo (A2).

Sim, com discussão de casos clínicos (A3).

Sim, os professores estão fazendo o máximo que podem para nos ajudar (A5).

Esses relatos evidenciam que, apesar da dificuldade no início desse novo formato de ensino, como referenciado no primeiro discurso, as estratégias usadas pelos educadores conseguiram diminuir a distância entre a teoria e a realidade de um enfermeiro. Porém, houve menção ao distanciamento entre professor e aluno, como transcrito a seguir:

O ensino remoto, ao meu ver, distanciou o aluno da faculdade. A facilidade de assistir a aula em qualquer lugar fez com que não levássemos a sério (A4).

A partir dessas respostas, tornam-se mais evidentes as dificuldades dos docentes ao terem, de certo modo, sido obrigados a adotar o ensino remoto emergencial, considerando o caráter excepcional de uma pandemia, sob a qual a alternativa mais assertiva foi a garantia do ensino, mesmo a distância.

Outro ponto a ser discutido é a falta de experiência dos alunos e professores com o ensino em ambiente virtual, por não serem preparados e habituados ao ensino fora do ambiente em sala de aula física, tendendo a se tornarem menos empenhados nos estudos, fato que claramente não depende apenas dos educadores, mas da estrutura da instituição para adequar o ensino e a dedicação do estudante à sua formação profissional.

Hoje, o impacto do ensino remoto emergencial na aprendizagem é amplamente discutido por diversos autores, educadores e pensadores da educação brasileira. No âmbito do ensino superior privado, houve a manutenção das aulas de modo remoto. Essa nova forma ou modalidade excepcional de ensino gerou opiniões controversas sobre sua efetividade. Mas, apesar dos dificultadores atribuídos ao ensino, o uso amplo das TDICs também se tornou alvo de discussões, o que permite questionar: qual o legado desse ensino? Ou, ainda, a pandemia deixou alguma lição para a educação?

Esses são questionamentos que implicam o desvendamento e a intensificação das desigualdades sociais e econômicas. Contudo, desconsiderando as implicações socioeconômicas e socioculturais – que já são difundidas há décadas e que ganharam destaque no cenário atual –, houve também o “desabrochar” do uso das mídias digitais. Então, o que se tem como legado é a utilização das TDICs e, por conseguinte, a utilização de métodos ativos de ensino. Por isso, coube aqui discutir o que fica dessa pandemia para os docentes após a experiência vivenciada com ensino remoto. Para tanto, foi questionado: “Você considera que após essa nova experiência há a possibilidade de maior uso de Metodologias Ativas e das mídias digitais? Ou não?”.

Para o E1:

Ah, o que a gente não tem aqui é a interação, né? Assim, com uma pessoa e outra, sabe, isso aí ficou, né, assim... igual uma dinâmica, né? Eu gosto muito de trabalhar com dinâmica, a gente não pode fazer isso aqui, sabe? E presencialmente eu posso juntar os grupos ali e construir determinadas tarefas, né? É... que ficam mais descritivas daquilo que a gente precisa alcançar. Aqui, não, é mais troca de ideias, conversas, essa elaboração de mapas, de nuvens de palavras, né? Isso aí realmente não fica cem por cento, não, sabe? (E1).

Conforme o E2:

Acho que sim, hoje não precisa do aluno se deslocar, enfrentar trânsito para ir pra faculdade, mas além da comodidade, acho que

Formação de profissionais de enfermagem:
uma reflexão sobre metodologias de ensino e aprendizagem

a interação e disponibilidade de usar figuras, imagens quando eu quero. Se estou na aula e quero ilustrar sobre algum tema, consigo buscar no Google a imagem e mostro para os alunos, assim pode visualizar melhor sobre o assunto (E2).

E3 confirma:

O sofrimento foi grande, mas o legado vai ser gigante, eu acho, porque tudo tem o lado bom, então, um dos pontos positivos é que a gente pode tirar de bom da pandemia, com certeza, é essa questão tecnológica, virtual mesmo. Então, aproximou muito mais as pessoas, essa questão de Meet, Zoom, Google, Teams⁸ surgiu, que nunca ninguém tinha ouvido falar direito. Obrigou pessoas que eram mais distantes das tecnologias a se ligarem e aprenderem. Então, eu tinha alguns alunos que nem tinham e-mail, pra você ter ideia. E tiveram que aprender, a pegar computador emprestado na faculdade e aprender a mexer, apresentação de trabalho, a construção de vídeos, a construção de algo mais visual que não fique tão cansativo. Eu acho que mudou a cabeça do professor e mudou do aluno também, essa questão tecnológica no geral, pro mundo todo vai ser um grande legado, isso não só de adulto, eu vejo pelas crianças (E3).

Ao analisar a resposta de E1, pode-se constatar a interatividade entre aluno e professor, que, em sua opinião, perdeu-se ao longo do processo de ensino emergencial. Em relação ao uso de métodos educacionais ativos associado à utilização das mídias digitais no processo pedagógico, E1 complementa:

Eu acho fundamental, gosto muito. Eu acho que a área da saúde, ela precisa ampliar o olhar, né? E, pela internet a gente tem muita coisa pra gente se apropriar e compartilhar com os alunos. [...] desde uma simples música, que faz com que eles reflitam sobre o valor da vida, da importância da vida humana, até mesmo quando eu pego um vídeo que fala da experiência do cliente do Einstein [Hospital Israelita Albert Einstein, situado na cidade de São Paulo]

8 O Google Meet é uma ferramenta tecnológica voltada para videoconferência, tanto em ambientes corporativos como em locais de ensino. O Microsoft Teams é um aplicativo que integra membros de uma instituição por meio de conversas, reuniões e arquivos que podem ser anexados.

que é maravilhoso, e os meninos ficam todos sensibilizados com a importância do atendimento humanizado. [...] Às vezes outro professor, convidados que a gente pode trazer do país inteiro, sem essa dificuldade de deslocar, do custo de bancar, às vezes, uma viagem, uma hospedagem. Então, eu acho que tem muita coisa positiva nisso tudo que a gente tá vivendo agora, eu acho superinteressante (E1).

As respostas de E2 e E3 e o último relato de E1 trazem os reflexos positivos do uso das mídias digitais, como o acesso a recursos visuais que enriquecem as aulas, as novas experiências de aprendizagens com as tecnologias, tanto do aluno quanto dos professores, e até mesmo a diminuição de fronteiras. Assim, em uma aula, o professor pode receber outros educadores que compartilham suas experiências e conhecimentos, permitindo a troca de saberes e a aproximação da realidade através de conversa com profissionais de enfermagem. Esses recursos tecnológicos e a diversidade de métodos de ensino contribuem para o aprendizado ativo.

Apesar dos desafios encontrados no decorrer do processo, os professores se mostraram essenciais para a continuidade da educação e formação desses futuros profissionais. A utilização dos métodos de ensino dos entrevistados condiz com a inserção de estratégias ativas no processo de aprendizagem.

Um fator importante a ser abordado é o fato de a educação passar por constantes mudanças e de tanto os professores quanto os alunos se tornarem protagonistas. O aluno, frente ao método ativo de aprendizagem, precisa estar no centro do processo para se tornar agente ativo na construção de seu conhecimento. O educador se torna cada vez mais importante, exaltando seu papel de orientar e mostrar o caminho para o aluno aprender a aprender. Integrar as tecnologias digitais e as Metodologias Ativas nos processos educativos, para Almeida e Valente (2011), significa integrá-las com o currículo. Para isso, é preciso expandir a concepção para além de estudos com temas previsíveis e identificar o real currículo constituído por conhecimentos, metodologias, tecnologias, linguagens, recursos e relações pedagógicas produzidas no ato educativo.

A aplicabilidade das Metodologias Ativas no ensino e aprendizagem

A seção anterior permitiu identificar as metodologias utilizadas pelos docentes e a percepção dos participantes da pesquisa sobre o assunto, o que possibilitou perceber a necessidade de discutir os métodos ativos, considerados efetivos durante o processo de ensino. Para alcançar o objetivo de analisar a percepção dos discentes acerca das metodologias de ensino e aprendizagem trabalhadas no curso e verificar os aspectos que facilitam ou dificultam a aplicabilidade das metodologias planejadas pelos docentes, fez-se necessária a construção deste segundo tópico.

É proposta uma discussão mais ampla sobre os métodos ativos, uma vez que eles fazem parte do cotidiano dos educadores e das metodologias planejadas para as aulas. Assim, debate-se, partindo dos relatos pesquisados, a influência dos métodos pedagógicos no processo de aprendizagem e, por fim, os desafios e facilidades nesse processo.

A influência das Metodologias Ativas no processo pedagógico de aprendizagem

O ensino e a aprendizagem, de modo geral, podem sofrer influência das metodologias utilizadas nas aulas, uma afirmação que já foi trabalhada por diversos autores referenciados nesta obra. Nesse sentido, a discussão a seguir permite verificar esse pressuposto, considerando que foram ouvidos ambos os agentes envolvidos no processo de aprendizagem – educadores e educandos –, cujas narrativas serviram para compreender a importância das metodologias no ensino dos futuros profissionais de enfermagem.

Para discutir Metodologias Ativas no processo pedagógico de aprendizagem, é necessário resgatar alguns conceitos e concepções da educação. Em *Pedagogia do oprimido*, Freire (1987) denomina a escola tradicional como “educação bancária” e caracteriza essa perspectiva de educação como um instrumento de opressão. O conceito de educação bancária faz

referência ao ato de depositar, em que os educandos são depositários, e o educador, o depositante. Em vez de o educador comunicar-se com os alunos, ele faz comunicados e depósitos, que são pacientemente recebidos, memorizados e repetidos. O educador é o sujeito do processo de educar, detentor do conhecimento e da autoridade, por isso, é ele quem escolhe o conteúdo programático e atua sobre ele em prol dos educandos, seres tidos como ignorantes, que precisam ser educados e disciplinados (Freire, 1987).

A concepção de Freire sobre o ensino tradicional permite uma reflexão sobre o modelo de ensino e sobre o entendimento do papel do educador e do aluno em determinada escola. O Entrevistado 1 corrobora Freire:

[...] o Paulo Freire, ele tem um nível de criticidade muito ferrenho, né? É essa coisa mesmo de você ser o detentor do conhecimento e os alunos serem o depósito, né? Você vai entornando tudo o que você sabe e aí ele vai, né, sem participação efetiva (E1).

O ensino tradicional também foi criticado por outros autores, como Saviani (2008), que considera tal modelo o causador de um descompasso entre o ensino e as novas demandas da sociedade. Considerado pelo autor como um método intelectualista e enciclopédico, o ensino tradicional fornece conteúdos separados da experiência real dos estudantes.

Moran (2012) concorda com Saviani (2008) ao salientar que a escola não evolui no ritmo da sociedade, o que causa um descompasso no ensino. Para o autor, os educandos se deparam com uma dicotomia, em que seu mundo social – atraente e em constantes mudanças – não condiz com seu universo escolar – monótono e fatigante.

Para Berbel (2011), o aluno recebe e absorve uma significativa quantidade de informações e conteúdos transmitidos pelos professores, sem participação ativa no processo educativo. O aluno assume uma postura passiva diante de sua aprendizagem, e, muitas vezes, não há oportunidade para ele se manifestar criticamente. Esse contexto é reafirmado

pelo depoimento dos entrevistados ao se referirem à formação pautada no modelo tradicional:

[...] No ciclo básico, você não falava com o professor, você não falava "oi" com ele. São vários cursos misturados, talvez uns trezentos alunos num teatro para aprender bioquímica e patologia, então você não falava nada, só ouvia e corria atrás. Tinha toda uma programação pra você cumprir, eu não podia reclamar, não podia elogiar, não podia nada, sabe? Feedback? Eu gosto que meus alunos me deem feedback, mas não fui acostumada com isso, não (E1).

A minha formação, ela basicamente foi uma formação tradicional [...] entrei na faculdade em 2005 [...] os professores, a grande maioria eram professores mais antigos, então a minha formação [é] muito tradicional [...] a parte teórica, sala de aula, tradicionalíssima, desde o ensino dos professores, da forma de apresentação de trabalho era aquela clássica (E3).

As falas dos educadores E2 e E3 corroboram os conceitos de método tradicional apontados pelos autores, como se percebe a seguir:

É um método em que o aluno fica mais passivo, o professor vomita tudo o que sabe e o aluno não interage. Acho que a aula expositiva mesmo, sem interação do aluno, só o professor passa o conteúdo... (E2).

O método tradicional de uma aula expositiva clássica, por exemplo, onde o professor chega apresenta o tema e fala do início ao fim ali, com uma chuva de slides cheios, carregados de texto, é o que eu vejo como método tradicional. Essa aula expositiva clássica é importante, a imagem do professor, a fala do professor, o conhecimento dele, mas eu acho que precisa ser incrementado com algumas outras estratégias, como uma Sala de Aula Invertida, de Metodologias Ativas (E3).

Contrapondo o papel passivo do aluno diante do ensino tradicional, a escola deve atrair os educandos, deixando de ser um lugar de transmissão de conteúdos para se tornar um ambiente cativante e atraente (Moran, 2012). Nesse sentido, deve-se pensar num ensino crítico que se volte para as Metodologias Ativas, de modo a possibilitar ao aluno assumir uma

postura ativa e participativa no seu processo de aprendizagem (Berbel, 2011). Seguindo esse raciocínio, o papel do aluno diante de estratégias educacionais ativas, o seu protagonismo e a sua corresponsabilidade no processo de aprender são elementos apontados nas narrativas:

A metodologia ativa, ela vem pra poder fazer com que o menino, né, o aluno se torne protagonista do próprio conhecimento dele. Então ele não fica ali passivamente esperando o que a gente tem pra oferecer, ele também vai buscar, né? Ele também se importa, ele também é responsável pelo aprendizado dele (E1).

Acho que é quando tem mais interação do professor com o aluno. O aluno passa ser o centro do aprendizado e não o professor, porque ele que deve ser o principal, nós não temos que estar na frente (E2).

Métodos ativos é onde eu coloco o aluno no centro, então, fazer com que ele seja muito mais ativo do que aquele aluno passivo que só escuta a aula, que só assiste. Então, enquanto metodologia ativa, eu tenho a construção de algo, a construção da nossa área, de um caso clínico, a realização de uma técnica, de um procedimento onde ele aprende fazendo, eu tenho a construção de mapas mentais, onde o aluno pensa e o professor direciona, ajusta e corrige. E, também, onde o próprio aluno corrige e pensa no erro ou uma possibilidade de melhora do colega. Então, a criação, conclusão, é muito mais do que fazer o aluno a ler algo. Assim a gente vai conseguindo construir o conhecimento (E3).

Tais discursos vão ao encontro dos argumentos dos autores referenciados no tocante à importância da utilização de métodos inovadores de ensino e aprendizagem. Os métodos ativos emergem das necessidades reais da sociedade, em especial das políticas de saúde, que impactam diretamente o ensino de enfermagem. As Metodologias Ativas de ensino, fundamentadas na pedagogia crítica, contrapõem o ensino tradicional, propondo a utilização de situações reais para estimular a construção de conhecimento e habilidades dos estudantes (Cyrino; Toralles-Pereira; 2004).

As concepções postas pelos autores também podem ser confirmadas pelos relatos dos alunos. Quando questionados se há diferença entre

métodos tradicionais e métodos ativos no processo de aprendizagem, os entrevistados afirmaram:

Sim, no método ativo temos mais incentivo (A1).

Sim, principalmente na criação de hábitos de estudo e autonomia estudantil (A3).

Sim, os métodos tradicionais hoje em dia não conseguem prender o aluno. Os métodos ativos meio que desperta nossos neurônios (A4).

Sim, ainda mais agora no ensino on-line devido à pandemia nós, alunos, sentimos muito esse impacto (A5).

Sim, os métodos ativos devem ser mais dinâmicos (A6).

Por meio dos relatos analisados, nota-se que os alunos percebem a interferência de determinado método na aprendizagem e reconhecem que o ensino ativo contribui para uma maior autonomia do aluno frente ao incentivo e à orientação do professor. É importante destacar que a percepção dos discentes acerca das Metodologias Ativas vai ao encontro das concepções dos docentes entrevistados. Em resposta à mesma pergunta, os professores apresentaram as seguintes ponderações:

Olha só, eu acho né, essa forma como a gente tá fazendo hoje, ela é muito interessante, porque quando o aluno, ele mesmo vai buscar, né, o que ele precisa saber, ele retém muito mais conhecimento [...] (E1).

O método pode interferir na aprendizagem, quando a gente faz uma aula em que o aluno participa, tem troca de experiências, interação (E2).

Para uma melhor compreensão sobre a influência do método educacional na aprendizagem, os alunos foram questionados: “Em sua opinião, as metodologias de ensino utilizadas durante as aulas aproximam a teoria com a realidade profissional do enfermeiro? Caso contrário, quais métodos poderiam retratar melhor a realidade da prática de um enfermeiro?”. Em decorrência, foram obtidos aproximadamente 85% de respostas afirmativas. Dentre elas, destacam-se:

Formação de profissionais de enfermagem:
uma reflexão sobre metodologias de ensino e aprendizagem

Acho que a enfermagem é uma profissão muito complexa para ser totalmente destinada para teoria. Além do conhecimento teórico, temos a vivência em campo, onde você realmente aprende sobre enfermagem [...] (A1).

Sim, são métodos que abrangem as potencialidades da profissão (A3).

Algumas metodologias, sim, exemplos de vivência (A6).

A resposta a seguir aponta sugestões de práticas que podem complementar os métodos já utilizados pelos docentes. As alternativas sugeridas podem aproximar mais o estudante de sua realidade, o que possibilita valorizar ainda mais o ensino pautado em práticas pedagógicas ativas.

Eu creio que ter mais aulas práticas, mais simulações realísticas para termos mais noção de como serão nossas vidas depois de formados (A2).

Esse relato se alinha à resposta dos docentes ao serem questionados se os métodos utilizados em sala de aula aproximam a teoria da prática assistencial, como sinalizam:

Oh, com certeza que vai trazer mais visibilidade pro aluno e pra mim. A principal forma de fazer isso é a problematização, a gente trazer recortes do cotidiano das instituições de saúde, né? Integrar para ele resolver determinada situação. E, assim, muitos deles são técnicos, né? Então eles sabem que o que a gente tá colocando ali, o tópico não é exagerado, eles sabem que é verdade, né? Então. E isso faz com que eles se envolvam de uma forma mais apropriada (E1).

Uso de casos clínicos, simulados... o OSCE [Exame Clínico Objetivo Estruturado], ajuda o aluno a pensar e aproxima ele da realidade. Como aprendi no mestrado, uso primeiro a anamnese,⁹ e eles vão respondendo, isso ajuda ficar mais próximo da realidade (E2).

9 A anamnese é o diálogo direcionado entre o profissional de saúde e o usuário. O profissional questiona sobre os hábitos de vida e a situação que levou o paciente a procurar atendimento. Assim, a partir de uma queixa principal é feito o levantamento dos dados clínicos para compreender o estado de saúde e doença.

Na minha aula, sim. Acredito que não de todos, pela própria fala dos alunos. Agora, na minha aula o tempo todo eu tento aproximar a teoria e realidade e não falo só de técnica, eu falo o tempo todo de mercado de trabalho, de vivência em equipe. Eu tento fazer com que o aluno se sinta ali numa equipe, pra que ele entenda as questões, os problemas que o livro não conta, trazendo ele pra essa realidade. Então é a forma que eu vejo de aproximar ele. Como disse, trazendo os casos reais, fazendo visitas técnicas, é algo que eu gosto muito, é muito presente nas minhas matérias (E3).

Essas respostas permitem perceber que há uma tentativa de incorporar novas estratégias de ensino voltadas à pedagogia ativa. Há uma discussão sobre a passividade do aluno e a transmissão de conteúdos dos professores aos educandos, como ocorre na pedagogia tradicional. Através das falas dos pesquisados, pode-se identificar a emergência da necessidade de empregar métodos que tragam os estudantes para o centro do aprendizado.

A associação dos métodos tradicionais à introdução de métodos ativos pode somar e agregar ao processo de aprendizagem dos estudantes, como enfatiza E3:

Eu acho que alguns métodos tradicionais ainda são importantes, mas eles precisam ser incrementados, né? Então, assim, a gente não pode banir por completo esses métodos tradicionais. São importantes, mas precisam de ser ajustados e complementados com outras estratégias de professores mais recentes, mais modernos. Eu acho quem ganha é o aluno (E3).

Conforme o observado, os métodos tradicionais de ensino são criticados quando utilizados isoladamente. É importante evidenciar que existe um esforço em complementar as estratégias de ensino e não substituir por completo métodos considerados tradicionais, processo que visa auxiliar o aprendizado do arcabouço teórico do aluno. Percebe-se nas falas que somente o ensino tradicional não é suficiente para a formação atual de profissionais em enfermagem, visão reforçada pela literatura científica.

Além disso, conforme os teóricos da área sustentam, a função dos professores deve seguir o perfil de aluno do século XXI. Esses estudantes

são considerados nativos digitais, imersos nas novas tecnologias e nas mídias digitais, e possuem diferentes maneiras de aprender. Diante desse cenário, o educador precisa se aprimorar, saber utilizar as tecnologias em prol do ensino e colocar esse estudante no centro do processo de aprendizagem.

Assim, aqueles que não se adequem às novas exigências de ensino, incorporando novos modelos de educação, e permanecerem com o ensino exclusivamente passivo do aluno, podem ser considerados obsoletos, como sinaliza E3:

Mas eu acho que o professor que não se adapta, que não trabalha com o raciocínio do aluno, fazer o aluno ser o protagonista, eu acho que vai ficar pra trás (E3).

Autores como Libâneo (1994) e Freire (2011) afirmam que somente quando o discente demonstra criticidade por meio de suas ações pode-se considerar que de fato ocorreu aprendizagem. Para Libâneo (1994), o processo de aprender não se dá apenas por memorização de conteúdo, sem acrescentar novidades à maneira de o sujeito pensar e às suas habilidades. O autor considera que a aprendizagem se contrapõe à estagnação de conteúdos estáticos, pois o processo de aprender modifica o pensamento e influencia o modo de agir do aluno. Nesse caminho, faz-se necessário o uso de conteúdos de alcance dos alunos, de sua realidade; capazes de estimular a aprendizagem.

Assim, a discussão aponta para a importância e influência dos métodos ativos no ensino e na aprendizagem. Percebeu-se, nesse contexto, que somente o modelo tradicional não atende às necessidades do aluno atual. Para que se torne crítico e reflexivo, é preciso o complemento do ensino com estratégias que acabem com a passividade do estudante e o transforme em agente ativo da construção de conhecimento.

Dificuldades e facilidades na aplicabilidade dos métodos ativos

O ensino remoto emergencial acentuou algumas dificuldades da implementação de Metodologias Ativas (MAS). Desse modo, os aspectos considerados dificultadores podem estar relacionados a esse novo formato de ensino e associados aos obstáculos já encontrados antes da pandemia. Logicamente, a aplicabilidade das MAS depende de suporte da coordenação pedagógica, da matriz curricular do curso e dos professores e alunos.

A IES estudada já vinha se aprimorando quanto à adoção de métodos ativos, o que viabiliza a sua utilização, mas não garante sua efetividade total na realidade de sala de aula.

Como se nota, os docentes sinalizam alguns dos dificultadores em aplicar suas práticas de ensino, quais sejam:

A disponibilidade do aluno [...] [Os estudantes] têm que se dividir entre várias atividades e aí [...] não têm tempo [...] Eu não acredito nisso... [...] eu falo com eles, assim, talvez eles não saibam estabelecer quais as prioridades que eles precisam ter nesse momento, né? Mas é difícil eles entenderem que o curso é a profissão pra toda vida, é difícil, talvez falta também maturidade, sabe? (E1).

O que dificulta, eu acho que [é] a falta de conhecimento, a falta de preparo. A própria busca do profissional para aplicar determinados métodos de metodologias ativas, eu acho que deve ser pensada antes de aplicar. Não pode simplesmente jogar no Google “metodologias ativas”. Vai muito também dessa disponibilidade, a gente vê hoje que as pessoas estão tão apressadas que elas não param pra se preparar (E2).

Dificulta a cabeça do próprio aluno, porque ele pensa assim: “eu tô pagando pra poder dar aula, eu que tenho que dá aula? Eu que tenho que falar? O professor está recebendo pra quê?”. Então, tem esse pensamento, é um pensamento antigo dos próprios alunos que vêm de um ensino tradicional das escolas, onde ele só escuta, lá no ensino médio, ensino fundamental. Então ele já vem com essa visão de que o aluno só escuta. Muitas vezes, o preconceito dos próprios

professores, porque têm que estudar. Isso tudo que eu construí, que eu aprendi, eu não aprendi na faculdade. Eu acho que a gente não aprende a ser professor. Eu estudo muito pedagogia, técnicas de ensino, só que a grande maioria não, então isso dificulta. Chegar até o aluno que estão nessas metodologias, dificulta um pouco os recursos das próprias faculdades, porque algumas vezes eu quero usar alguns aplicativos, eu quero usar alguns vídeos, fazer alguns filmes e eu não tenho muitos recursos tecnológicos, então eu tenho que me virar com que eu tenho. E acho que [é] a questão de acostumar com o tradicional, e muitas pessoas enxergarem como firula, como bobagem, eu acho que tem um preconceito dos professores antigos (E3).

Os discursos assinalaram como dificultadores a formação de professores, o enfrentamento do preconceito e o receio de mudança dos educadores para incorporação de modelos educativos ativos.

Além disso, ressaltou-se a falta de comprometimento e engajamento dos alunos, que, inicialmente, tendem a não gostar do método ativo e pressionam os educadores na continuidade do uso de estratégias tradicionais de ensino. Portanto, esses são considerados os principais desafios para a aplicação das MAs no cotidiano escolar. Em relação à falta de comprometimento dos alunos ou possível falta de maturidade apontada por E1, podem-se relacionar às narrativas de dois alunos:

Os alunos deveriam ir mais preparados para sala de aula (A4).

Eu entrei no meio do curso, tive muita dificuldade para me adaptar. Os colegas foram o maior obstáculo (A6).

O engajamento do estudante é fundamental diante das novas formas de aprendizagens para ampliar suas possibilidades de exercer a liberdade e autonomia nas decisões em diversos momentos, preparando-o para ações do seu exercício profissional (Berbel, 2011).

A aprendizagem ativa mais relevante é a relacionada com a vida, os projetos e as expectativas do aluno. Se o estudante percebe que aquilo que aprende o ajuda a viver melhor, direta ou indiretamente, ele tende a se envolver mais. Um eixo importante da aprendizagem é a ênfase no

projeto de vida de cada aprendiz, que deve descobrir que a vida pode ser percebida como um projeto de design com itinerários flexíveis, de modo a ampliar sua percepção, seu conhecimento e suas competências para escolhas mais libertadoras e realizadoras.

Outro relato interessante sobre o preparo do aluno diante das práticas pedagógicas ativas refere-se à resposta quanto ao questionamento sobre as principais dificuldades durante o processo de aprendizado. Sobre isso, um dos discentes apontou como dificuldade a autonomia que o aluno recebe, uma vez que o tempo para estudo individual está mais disponível:

[...] a questão de dar mais autonomia [para] o aluno para estudar só, nem sempre isso ajuda, principalmente em matérias de conteúdos mais complexos (A2).

Ao analisar a narrativa acima, nota-se a relevância do conhecimento do aluno em relação aos métodos utilizados durante seu processo de aprendizagem, bem como da promoção de discussões entre educadores e alunos que estimulem a criticidade em relação ao papel que cada um assume no processo de educação e formação. Já é um fato que o aluno deve ser protagonista nos métodos ativos, mas também cabe ao estudante receber essa função e assumi-la, não deixando que o professor seja o único a cumprir tal prerrogativa.

No entanto, essa autonomia desejada não vem instantaneamente, principalmente se considerarmos os modelos educacionais utilizados durante a formação básica dos alunos. No caminho de mudanças no ensino, defensores das MAS, como Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), apontam as medidas necessárias para o desenvolvimento do protagonismo estudantil:

Para que o estudante esteja no centro do processo, é necessário considerar diferentes aspectos que possibilitem o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo. Para isso, as experiências de aprendizagem devem ressignificar o papel dos estudantes e do professor; incluir diferentes espaços (digitais ou físicos, na escola); considerar uma avaliação formativa e que repercuta em

novas trilhas já existentes; contar com uma gestão que apare escolhas e esteja aberta aos erros construtivos inerentes à [sic] processos inéditos e inovadores; entender os recursos digitais como potencializadores das ações de investigação, troca entre pares e construção de conhecimentos capazes de repercutir nas concepções de toda a comunidade escolar; e, conseqüentemente, contribuir para adoção de uma mentalidade de crescimento que impacte na transformação de uma cultura escolar centrada no professor para uma visão de construção coletiva e redesenho de papéis (Bacich; Tanzi Neto; Trevisani, 2015).

Nesse cenário, o professor também precisa estar preparado para ensinar o aluno de hoje. Parafraseando Jorge Moran (2015a), o educador da contemporaneidade deve ser orientador, curador e facilitador do processo de ensino e aprendizado. No entanto, como o E2 menciona, nem todos os educadores estão dispostos a se adequarem ao novo cenário, o que pode impactar a aprendizagem, como apontam os estudantes:

Dificuldade é a dinâmica de alguns professores que não colaboram com a aprendizagem (A2).

Tive muitas dificuldades com métodos de ensino de alguns professores (A3).

Considerando os relatos sobre as dificuldades de docentes e discentes acerca da aplicabilidade dos métodos ativos, nota-se a influência da percepção e apropriação da função de cada um no processo de ensino. Portanto, para incrementar essa discussão, destacam-se as falas de alguns alunos no tocante à opinião que têm sobre seu papel e o do professor durante o percurso do ensino e aprendizado:

Para mim os professores têm o papel de inspirar o aluno, de realmente ensinar tudo que sabe. E o aluno, por sua vez, ter o professor como exemplo e se esforçar para ser parecido com o mestre. Querer sempre aprender para saber cada vez mais (A6).

É um processo mútuo, onde o conhecimento é repassado de duas vias (A5).

O professor deve passar o conteúdo de forma mais dinâmica e que fique fácil de entender e o aluno deve se empenhar para aprender (A2).

Tais narrativas mostram como os estudantes entendem a função de cada um no andamento do ensino. A troca de conhecimentos e experiências foi sinalizada, corroborando a premissa da pedagogia freiriana. O pensamento de Freire colabora com a construção de uma educação reflexiva e com a incorporação de uma educação crítica e problematizadora, pautada no diálogo entre aluno e professor, contribuindo com os conteúdos prontos e preestabelecidos pelos educadores. Permite, também, entender quem é o aluno, que ser é esse no mundo e com o mundo e como ele pode ser mais (Freire, 1987).

Nessa perspectiva de ensino, o educador não é o único que educa, pelo contrário. Ao educar de modo dialético com seu aluno, o educador também é educado. Professor e aluno são, nessa dinâmica, sujeitos de um processo de aprendizagem sem autoritarismo, pautado no respeito e diálogo. Dessa forma, conclui Freire: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 39).

Além disso, a função do educador de orientar e de ser um guia durante o aprendizado foi apontada por diversos autores contemporâneos, como Moran (2015b), Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), que defendem com veemência o ensino ativo frente às exigências do aluno do século XXI.

A partir dos discursos coletados, pode-se também inferir que os fatores que dificultam a aprendizagem se voltam à aplicação das funções dos sujeitos no andamento da educação, uma vez que os professores detêm conhecimento sobre o assunto. Esse posicionamento já vem acontecendo na IES, mas ainda cabem mais discussões entre alunos e professores para o alcance de todos os envolvidos. É importante sinalizar que, mesmo com diálogos sobre o assunto, haverá controvérsias sobre o uso de métodos ativos, uma vez que sua aplicação sofre influência de aspectos culturais e socioeconômicos da sociedade em que o aluno está inserido.

Contudo, tais dificuldades podem ser diminuídas ou compensadas por fatores que facilitam o ensino, como os discentes relatam:

Formação de profissionais de enfermagem:
uma reflexão sobre metodologias de ensino e aprendizagem

[...] Em compensação, tive uma professora que me acolheu de maneira especial e me ajudou a não desistir (A6).

Professores sempre dispostos, com conteúdo atualizado, com aulas expositivas (A5).

Facilidade é os materiais disponibilizados e os empenhos de alguns professores para passar o melhor (A2).

Conforme as falas anteriores, entende-se que a maneira de ensinar de alguns educadores se destaca e ajuda no processo de aprender, reafirmando a importância do papel do professor e dos métodos que utilizam. Diante disso, a atuação dos educadores que se sobressaem no ato de ensinar pode ser influenciada por fatores que facilitam sua prática, como a tecnologia digital, capacitações e a estrutura da instituição. Esses são aspectos que contribuem para o desenvolvimento do potencial do educador em ser criativo e utilizar as MAs, como apontam E1 e E2:

Eu acho que a própria tecnologia que a gente tem hoje, assim, além da tecnologia, o espaço que dá pra gente, sabe. Assim, de desenvolver nosso potencial, a criatividade, né, esses treinamentos, sabe? Então a gente pode desenhar as nossas disciplinas da forma que a gente achar mais apropriada, né? Então eu acho que isso tudo facilita, a tecnologia, o espaço que a gente tem, né, pra poder formar nossos alunos, as capacitações (E1).

Facilita quando você tem recurso material adequado, recurso didático adequado, né? Quando vê, tem ali um espaço ideal pra que você faça a ação. Quando você também já tem um acesso, uma bagagem, uma certa vivência (E2).

A capacitação e os treinamentos se tornam essenciais para a aplicabilidade das Metodologias Ativas. Ressaltando a importância de preparar o educador para utilizar os métodos ativos, foi questionada a periodicidade das capacitações que recebem na instituição. De acordo com E1:

Muita, todo o semestre, a gente tem uma [...] a aula, por exemplo, esse mês, esse segundo semestre de 2021 começou pra gente dia 2 de agosto, pro aluno começou dia 16. Nesse período, a gente tem diversas abordagens de capacitação. Tanto, né, que eles chamam essa capacitação de “Sala mais”. São professores, multiplicadores

que estão com outros grupos de professores abordando diversos temas que muitas vezes somos nós mesmos que escolhemos, né? Então, isso é feito assim, desde antes da pandemia. E... sobre as Metodologias Ativas, foi daí que começou tudo, e... sobre elaboração de provas, assim, a gente é capacitado todo semestre (E1).

Conforme E2:

Temos, sim, todo intervalo dos semestres temos a “Sala mais”. Explica sobre os métodos, quando tem algo novo, por exemplo, vamos usar um aplicativo, eles já nos ensinaram como usar (E2).

[...] todo início de semestre tem, mas a minoria dos professores aplica. A faculdade oferece, fala, ensina, mas nem sempre os cursos são muito legais, nem sempre são muito didáticos, uma contradição. Eles falam nesses últimos tempos muito sobre. A gente teve a oportunidade de aprender sobre todas essas técnicas, desde metodologia ativa, como a ação de mapas, a simulação realística, aplicação de prova, como fazer o aluno ser o protagonista, tudo isso é muito falado, mas a minoria aplica. A maioria ainda continua com o método tradicional, isso [segundo a] fala dos próprios alunos e em conversa com os colegas (E3).

Com base no exposto, é possível discorrer sobre o posicionamento de Miranda (2011), ao afirmar que a formação continuada é necessária e deve ser constante para o levantamento de reflexões críticas, conscientes e plurais sobre a prática docente. Ela possibilita investigação, autodescobertas e aprimoramento das próprias práticas. A formação continuada, conforme a concepção do autor, é aprendizado que não termina, um contínuo que simboliza o movimento que garante o equilíbrio universal.

O educador E2 se refere à importância das “bagagens”, experiências dos docentes com os métodos ativos. Importante enfatizar que as capacitações podem promover a troca de saberes e de vivências daqueles que detêm maior experiência com essas práticas pedagógicas.

Os indivíduos aprendem com a experiência, mas não de forma isolada, pois seu conhecimento previamente adquirido e a experiência profissional contribuem para o aprendizado. Dessa maneira, capacitar significa

muito mais do que atualizar ou aumentar conhecimentos sobre um determinado tema ou técnica específica. Caracteriza-se pelo desenvolvimento e pela ampliação de competências que podem promover transformações no contexto de trabalho (Couto; Mansur; Marcelino, 2021).

O ambiente e os recursos disponíveis também são de significativa relevância para a promoção das capacitações e, por sua vez, para o uso das MAs, como relatado pelos educadores. A aprendizagem depende de espaço físico adequado e da disposição de recursos e materiais de suporte para o uso das TDICs, como equipamentos, mídias acessíveis e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (Couto; Mansur; Marcelino, 2021).

Ainda sobre a capacitação, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em enfermagem, tem-se, no artigo 36, a afirmação da necessidade de uma formação permanente:

Art. 36 – Faz-se necessário o compromisso das Instituições de Ensino Superior na criação de programas permanentes de formação e qualificação docente, por meio de uma política de formação permanente (Brasil, 2018).

A baixa formação dos professores, apontada como uma dificuldade, pode ser atenuada com capacitação semestral, desde que desconsiderem os preconceitos das estratégias que centralizam o aluno durante a aprendizagem. Desse modo, essas dificuldades podem ser amenizadas e, quando se associam os recursos estruturais – recursos materiais disponíveis na instituição –, podem-se traçar metodologias mais assertivas e qualificadas para cada aluno.

Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em enfermagem sob o olhar dos docentes e discentes

A formação do bacharel segue o que estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em enfermagem (DCN/ENF) da Resolução nº 573/2018. Pretendendo complementar a análise acerca das DCN/ENF em seus aspectos didáticos, foi construída esta seção.

Foi questionada a opinião dos participantes quanto às diretrizes e se eles as consideram aplicáveis em quaisquer instituições de ensino. Assim, foi levantado o conhecimento dos pesquisados sobre os fatores que favorecem e os que dificultam a formação do enfermeiro, além da aplicabilidade das diretrizes.

Essa discussão se fez necessária devido à ênfase dos pesquisados em aspectos que consideram influenciar o ensino e a formação dos futuros profissionais enfermeiros. Dessa forma, foi possível observar como a percepção sobre as diretrizes é controversa. É interessante ressaltar que os aspectos considerados facilitadores para um educador são tidos como obstáculos para outros.

Dentre os aspectos que podem contribuir para a educação, destaca-se a carga horária do estágio curricular, como afirma E1:

Colocar maior volume de horas de estágio, eu acho que isso tudo ajuda (E1).

Eu acho, sempre que há uma forma de atualizar, sempre tem que tá buscando, mas mesmo que a gente tenha algum engessamento, sabe, eu acho que pelo formato do estágio [...] eu acho que mesmo que o aluno não tenha se empenhado de fazer as coisas por ele mesmo, quando chega nesse último ano que ele precisa tá no estágio mostrando outras habilidades que não seja só o conhecimento, ele tem como se resgatar, sabe? (E1).

Em relação à carga horária do curso, as DCN/ENF definem, em seu artigo 32:

Formação de profissionais de enfermagem:
uma reflexão sobre metodologias de ensino e aprendizagem

Art. 32 – O Curso de Graduação em Enfermagem tem carga horária mínima de 4.000 (quatro mil) horas e duração mínima de 10 (dez) períodos letivos para sua integralização curricular, conforme o disposto na Resolução CNE/CES Nº. 04, de 6 de abril de 2009, desenvolvida na modalidade presencial (Brasil, 2018).

Sobre o estágio curricular obrigatório, as diretrizes estabelecem:

Art. 26 – A carga horária mínima do Estágio Curricular Supervisionado - ECS deverá totalizar 30% (trinta por cento) da carga horária total do Curso de Graduação Bacharelado em Enfermagem, assim distribuída: 50% na atenção básica e 50% na rede hospitalar.

Parágrafo Único – A carga horária do ECS deve ser cumprida integralmente (100%), sendo um dos requisitos para aprovação do estudante, não cabendo critérios estabelecidos nas instituições, com base na Lei nº 11.788 de 25/09/2008 – Art. 2º, §1º (Brasil, 2018).

A existência do estágio obrigatório, sob a ótica de E1, relaciona-se com a destinação de mais tempo para a prática, momento para o aluno demonstrar suas habilidades. A prática em campo de estágio permite uma maior aproximação da realidade profissional e apresenta mais oportunidades de relacionamento com a comunidade e com profissionais dos serviços de saúde; interação que possibilita a aprendizagem significativa e auxilia a formação em face de cenários reais. As diretrizes abordam o estágio curricular como atividade que permite o desenvolvimento de competências do futuro enfermeiro em assistir a população conforme suas necessidades, tal como assinala o artigo 23:

Art. 23 – Os conteúdos curriculares a serem desenvolvidos na formação da/o enfermeira/o devem ser exercidos, por meio de atividades teóricas, teórico-práticas, práticas, estágios e Estágio Curricular Supervisionado (ECS), devendo conferir ao futuro enfermeiro a capacidade profissional para atender às demandas e necessidades prevalentes e prioritárias da população, conforme realidade epidemiológica da região e do país, em consonância com as políticas públicas (Brasil, 2018).

O estágio supervisionado, para muitos acadêmicos de enfermagem, é o primeiro contato com o cenário real de atuação. Nos anos iniciais de sua formação, o aluno tem contato com a teoria em sala de aula e somente ao final do curso interage diretamente com o seu cliente/paciente. Esse longo período de apenas conhecimento teórico sem aplicabilidade pode contribuir para um distanciamento entre a teoria e prática (Araujo; Barbosa, 2004).

Nesse sentido, a IES pesquisada vem inserindo cada vez mais os discentes em cenários reais, fazendo-o por meio da realização de visitas técnicas antes dos estágios curriculares. Essas visitas têm sido consideradas de grande importância para aproximar teoria e prática, como aponta E3:

[...] num primeiro contato dele com a enfermagem, levar o aluno para o leito, pra ele começar esse contato real ali com o paciente, que é muito diferente que gente ir pro laboratório (E3).

E3 enfatiza a importância do estágio curricular supervisionado por possibilitar a aproximação do aluno com a realidade, trazendo como exemplo sua própria formação, pautada em métodos tradicionais, mas que obteve em sua prática em campo de estágio a autonomia e a segurança para exercer a profissão, como afirma:

[...] o único momento que eu senti que tinha as Metodologias Ativas, que não tinha ainda esses nomes, foi no estágio. Ali eu senti que eu era a protagonista. O professor fazia a gente raciocinar, refletir, pra apresentar para nossos colegas. Isso contribui demais pra nossa segurança (E3).

A relevância do estágio é notória, bem como o uso de métodos ativos durante o processo de aprendizagem. No entanto, como é possível perceber, no ensino tradicional, o único momento de protagonismo do aluno é nesse período prático ao final do curso, o que poderia ser antecipado se métodos educacionais que aproximassem o aluno da realidade fossem acrescidos desde o início da jornada acadêmica.

Nesse caminho, as estratégias de ensino estabelecidas nas diretrizes também podem ser outorgadas como facilitadoras do ensino, desde que sejam contempladas na prática em sala de aula. Sobre os métodos de ensino previstos no documento, E3 afirma:

Então, quando as diretrizes pregam que o aluno tenha uma visão mais ampla, mais holística mesmo, da profissão, inserir cada vez mais ele na ideia dele estar no mercado, ter cada vez mais prática. Isso [as instituições de ensino] vêm implementando [uma visão mais ampla e mais holística], eu concordo com essa questão mais prática, de uma visão de vários professores, porque é importante ter a visão e conhecimento de pessoas diferentes, a vivência de cada professor é muito importante. Então, eu concordo e vejo isso muito presente (E3).

Com o intuito de enriquecer a discussão sobre os aspectos contidos na normativa do curso que facilitam ou dificultam o ensino de enfermagem, foi solicitado aos discentes que opinassem brevemente a respeito das diretrizes. Aproximadamente 35% dos alunos mostraram opinião positiva sobre a grade curricular do curso. No entanto, um estudante se refere à importância de incluir conteúdos que aproximem a teoria da prática:

A grade da enfermagem é boa, porém poderia incluir conteúdos que ajudam a entender mais a realidade da enfermagem (A2).

Nesse contexto, percebe-se que os fatores contemplados nas DCN/ENF, tais como a carga horária do curso – incluindo os estágios curriculares supervisionados, como enfatizou E1 –, a importância do protagonismo do aluno, o incentivo da formação crítica e reflexiva e a grade curricular do curso – apontada por alguns alunos de modo positivo – podem contribuir para o ensino. Importante destacar que as falas dos educadores entrevistados apontaram para a inserção de métodos que aproximam o aluno da realidade, mas, de acordo com o relato de A2, ainda há uma lacuna entre a teoria e a prática, sendo indispensável o uso de métodos ativos que aproximem o discente da realidade, como prevê a legislação.

Nesse viés, a respeito dos métodos de ensino, além da inserção de métodos educacionais, os educadores abordam outro dificultador que pode interferir no ensino de qualidade. O uso de novas práticas pedagógicas, na visão de E2, está relacionado à rigidez e pouca flexibilidade das diretrizes, por não permitirem ao professor maior autonomia para definir as próprias técnicas de ensino, como aponta:

[...] ela é um pouco rígida, poderia ser um pouco mais flexível, ao ponto, por exemplo [...] do professor assumir as outras técnicas, outras metodologias que não necessariamente tenha escrito nela, né? (E2).

Através do discurso de E2, percebe-se uma visão equivocada sobre as DCN/ENF. As diretrizes não definem quais métodos devem ser utilizados, mas orientam que os métodos precisam integrar teoria e prática, devem ser ativos, buscando atingir o perfil do egresso, conforme a Proposta Pedagógico Curricular e com as qualidades referentes a competência, habilidades e atitudes definidas na lei. O entrevistado demonstra, assim, falta de conhecimento sobre as diretrizes.

A carga horária do curso, aspecto sinalizado por E1 como fator que contribui para o ensino, agora configura uma dificuldade. A abordagem de E2 apresenta a seguinte concepção:

A gente vê que é um curso muito enquadrado em horas, eu acho que, às vezes, [se] não tiver um rigor no processo diretivo ali e cá, não consegue estabelecer [o aprendizado], também não consegue cumprir tamanha carga horária. Só de estágio eu acho que é um dos cursos que têm maior carga horária (E2).

A respeito da grade curricular, E2 menciona:

Então, eu acho que é um norte, é uma direção, acho que toda profissão tem que ter essas diretrizes. Mas acho também que ela deva dar uma evoluída, a gente consegue perceber isso nas grades, às vezes a evolução, em vez de ir pra frente, ela volta um pouco pra trás. Às

Formação de profissionais de enfermagem:
uma reflexão sobre metodologias de ensino e aprendizagem

vezes ela tinha que ser mais discutida na comunidade acadêmica pra gente chegar no senso comum (E2).

O educador E2 sinaliza para a falta de uma discussão entre a comunidade acadêmica sobre as diretrizes, porém, é possível verificar no artigo 28 da legislação que a construção do projeto pedagógico da graduação em enfermagem deve ocorrer de forma coletiva:

Art. 28 – O Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem deve ser criativo, inovador e flexível sendo construído, coletivamente com docentes, discentes, profissionais do serviço, conselheiro de saúde, gestores e, sempre que possível com usuários, tendo em vista as instituições de saúde, instituições de ensino, usuários e gestores do SUS [...] (Brasil, 2018).

As diretrizes evidenciam a flexibilidade do projeto pedagógico e sua construção por diferentes públicos, incluindo docentes e discentes. Pode-se identificar que, no Brasil, existe regulamentação da legislação que permite a discussão dos métodos pedagógicos de ensino. O que falta, como observado, é uma maior e mais efetiva aplicabilidade quanto ao que estabelecem as diretrizes.

Nesse sentido, os educadores foram questionados sobre a aplicabilidade das diretrizes e, de acordo com a visão deles:

Olha só, eu acho que a diretriz possibilita, mas muitas vezes ela não é seguida. Não tem o nível de supervisão que precisa ter, né? E muitas vezes eu percebo que a instituição, ela tem essa responsabilidade em relação à formação do enfermeiro (E1).

Não, acredito que tenha algumas limitações, principalmente no que tange às privadas, ainda mais do interior, têm um ensino muito aquém do esperado, muito aquém do que a gente deseja em relação ao não cumprimento [pelas IES] dessas diretrizes (E2).

Uma coisa que eu vejo que é aplicável nas instituições que trabalho e que a gente consegue perceber muito é a diluição dos conteúdos. Desde o início o aluno já vai tendo um contato com várias coisas que vêm surgindo (E3).

A resposta de um discente sobre as diretrizes chama atenção para a execução de uma legislação de ensino e para a importância de fiscalizar o cumprimento da lei:

Sim, aplicável, mas algumas instituições não estão preparadas, não têm estrutura e com péssimas metodologias para executar. Então acho que aí fica em falta o MEC [Ministério da Educação] com a população estudantil em realmente verificar se o que está sendo proposto pelos campus está sendo realizado. Até porque é a formação de um profissional e na enfermagem errar pode custar uma vida (A3).

É possível perceber ainda que o relato acima se relaciona com o discurso de E1 sobre a responsabilidade da instituição quanto à formação do enfermeiro, conferindo maior relevância à fiscalização da aplicação das diretrizes. Sobre a proposta de avaliação, desenvolvimento e ajustes possíveis das DCN/ENF, afirma-se:

Art. 37 – A implantação e desenvolvimento das DCN/ENF deverá ser acompanhada e permanentemente avaliada, a fim de permitir os ajustes que se fizerem necessários ao seu aperfeiçoamento (Brasil, 2018).

A avaliação constante da implantação das diretrizes é de grande importância em situações que não favorecem a aprendizagem significativa do discente, pois essas condições impactam a sua formação profissional. De acordo com E2, existem instituições despreparadas, com escassez de materiais, falta de docentes capacitados e estrutura física inadequada, o que influencia o processo de ensino:

Então a gente vê que mesmo a condição de preparação é diferente, o mesmo núcleo do curso se torna diferente, né? Então a falta de conhecimento, ou porque às vezes não tem a governabilidade de fazer total aplicação, não vai ter equipe, não vai ter materiais, não vai ter espaço, não vai ter ali mão de obra para que isto seja executado, a diretriz total na sua íntegra, ou, às vezes, não há pessoas com capacitação devida pra que seja executada (E2).

A fala do educador reforça a relevância e a necessidade de fiscalização dentro da própria instituição sobre a implementação das diretrizes.

De modo geral, o que se nota nos discursos dos docentes sobre a influência das diretrizes na formação dos enfermeiros se relaciona – positiva ou negativamente – à aplicabilidade da legislação e à própria interpretação do educador sobre a diretiva. Por exemplo, a falta de flexibilidade apontada em alguns discursos é contrária ao que prediz as diretrizes. Em diversos artigos, são contempladas a inovação e a flexibilidade no projeto pedagógico, nos métodos de ensino e nos cenários de atuação, com o intuito de aproximar o estudante da sua realidade profissional. Pode-se inferir, assim, que essa interpretação pode estar relacionada à ausência de considerações na própria instituição sobre as diretrizes, à falta de conhecimento amplo por parte dos educadores e alunos em relação ao que estabelece a lei e à sua aplicação incompleta na IES.